

## INFÂNCIA: COMPOSIÇÕES ZIGUEZAGUEANTES DE UMA EXPERIÊNCIA "PLUNCT PLACT ZUM"

Fernanda Vieira de **Medeiros** – UFES

### **RESUMO:**

No encontro com ideias, conhecimentos, afetos, silêncios, sensações... escrevemos um modo de pensar e de viver. Arte da existência. Pesquisa que abraça o pensamento de Deleuze e de Foucault entre possíveis composições de cartografias. Com uma escuta atenta e com os versos moventes da música Carimbador Maluco, de Raul Seixas, afirmamos o desejo de uma vida bonita. Experiência exposta ao imprevisível, que nos leva a *sair da história para entrar na vida* (CORAZZA, 2003). Experiência não-preexistente, inventada com o que faz viver de modo intensivo. Força do acontecimento \_ modulações da infância cronológica regulada por representações do modelo cognitivista. Jeito ziguezagueante de deixar passar o que o *meio* pode dá a conhecer. Uma escrita rasgada pelo plano transversalizado da experiência-infância que se atualiza entre os desdobramentos dos processos investigativos e das irrupções dos pensamentos-desejos atravessados com os problemas colocados pelo encontro produzido com as pesquisas de Walter Kohan e Sandra Corazza. Infância que canta uma outra língua, cria um jeito de voar no terreno da educação infantil, faz-nos devir-criança.

**PALAVRAS-CHAVE: Infância; Experiência; Devir; Cartografia.**

### **EXPERIÊNCIA E ENCONTRO**

Entramos na pista dos movimentos que acionam um modo de ser e de viver deslizante, nômade, incerto. Invenções de uma experiência "Plunct Plact Zum"<sup>1</sup> cantada entre territorializações e desterritorializações que compõem possibilidades de vida agenciadas no território da educação infantil. Passeamos pelo relevo acidentado das relações de controle e resistência<sup>2</sup> com uma atitude de escuta, um ethos que pede irrupção, parada, silêncio e,

---

<sup>1</sup> Experiência dos desdobramentos possíveis de um título-dispositivo para um Centro Municipal de Educação Infantil de Vitória (ES) que agenciou diferentes questões nos modos de vida do cotidiano da escola e nas ideias da pesquisa cartográfica da dissertação de mestrado.

<sup>2</sup> Resistência: "[...] se dá, necessariamente, onde há poder, porque ela é inseparável das relações de poder; assim, tanto a resistência funda as relações de poder, quanto ela é, às vezes, o resultado dessas relações; na medida em

entoamos versos para outras conversas: “*Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma. Até quando o corpo pede um pouco mais de alma. A vida não para... Enquanto o tempo acelera e pede pressa, eu me recuso faço hora, vou na valsa, a vida é tão rara...*”

Como um canto à *Paciência de Lenine*<sup>3</sup>, aos detalhes, ao despercebido, ao que produz uma multiplicidade de arranjos, ritmos, sutis composições, desejamos na intensidade dessa melodia trazer uma pesquisa cartográfica criada pelo ritmo das conversas e pela velocidade dos encontros. Pesquisa de cartoversar, “versar com cartografias”, podendo assim, acompanhar os efeitos do que pode um *problema*, uma *ideia*, um voo 3511...?! Experiência de diferenciadas configurações, *meio*, rizoma, uma maneira também de afirmar<sup>4</sup> a existência de uma vida bonita.

Fazer uma irrupção, um intervalo, um vazio, e, com um pouco mais de paciência dizer como as coisas produzem sentidos, escrever o que nos acontece. Seguir pistas zigzagueando entre formas e forças da vida, que traz em si, aquela potência do pensamento em seu estilo nômade, movente, desalinhado, estrangeiro: desafiante transitoriedade dos espaços, dos tempos, das crenças, com traços e aromas de um estudo que abraça a filosofia do modo intempestivo Nietzscheano *de como a gente se torna o que a gente é*<sup>5</sup>.

Escrita-trama, enovelamentos de ideias entre platôs. Planos em formação, acontecimento que se dá a conhecer por multiplicidades que *ultrapassam a distinção entre a consciência e o inconsciente, entre a natureza e a história, o corpo e a alma* (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Não inaugura o início e o fim com seus dualismos, ao contrário, inventa conexões, outras maneiras de se comunicar também com fragmentos, com expressões em fuga, com linhas de existência traçadas no *plano de composição, que constitui platôs (Zonas de Intensidade Contínua)*<sup>6</sup>.

Um rizoma é feito de platôs. *Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas*

---

que as relações de poder estão em todo lugar, a resistência é a possibilidade de criar espaços de lutas e de agenciar possibilidades de transformação em toda parte (REVEL, 2005, p. 74).

<sup>3</sup> Disparo em algumas partes do texto, diferentes entonações dos versos da música *Paciência* do cantor Lenine. Ver PIMENTEL, Osvaldo Lenine Macedo. CD: Acústico MTV, 2006. Letra da música (Anexos).

<sup>4</sup> Afirmer é aligeirar: não carregar a vida com o peso dos valores superiores, mas criar valores novos que sejam os da vida, que façam a vida leve e activa (DELEUZE, 2001, p. 275-276).

<sup>5</sup> Ver Nietzsche, Friedrich W. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

<sup>6</sup> Ver DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.

*compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18). Linhas que estão a correr pelos possíveis desenhos das paisagens do território da educação infantil, bem como se estendendo, esticando pelos encontros produzidos com a experiência de uma vida que não para. Linhas que vão e que vem, saltam, dançam, e, se escondem ao gosto dos desejos, das intensidades entre cada platô.

É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 37).

Por ora, iniciamos um voo, matéria de expressão cartográfica, que nos suscita algumas possibilidades de extensão, e, também de pousos, paradas, olhares, seguidos sobrevoos, deslocamentos pelas paisagens da configuração do cotidiano das crianças e dos adultos, de suas invenções, acenando em cada encontro uma atenção à espreita, que desconfia. *Voos e pousos conferem um ritmo ao pensamento, e a atenção desempenha aí um papel essencial* (KASTRUP, 2010, p. 35). Momentos de aproximações e de distanciamentos entrelaçados pela diferença e pela arte de desenhar a infância com a multiplicidade de elementos que compõem inúmeros sentidos, histórias, cantos, silêncios, cores, cheiros, diversos sabores. Elementos da cartografia que criam outro estilo traçado e ritmado com o desejo de entoar um verso, uma melodia, ou de talvez, apenas, sussurrar que *ando à procura de espaço para o desenho da vida* (CECÍLIA MEIRELES, p. 44)



*Kandinsky, Composição IV, 1911*

A infância, o acontecimento e o encontro inscrevem na composição da vida modos de ser e de agir, estilo de escrever a potência do devir. *Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias* (DELEUZE; PARNET, 1998, p.14). Encontros sempre “fora” e “entre”. Jeito de dizer acerca do acontecimento e da relação, formas de traduzir os desvios, aquilo que corre, escapa, algo que não é imitação, nem fazer como, muito menos ajustar-se ao modelo. Um corte que abre passagem ao inusitado, ao novo.

Neste sentido, os deslocamentos das performances das crianças querem dizer de uma produção de *ideias criadoras* (DELEUZE; GUATTARI 1997a). Pensar o próprio pensamento, um estilo intenso e múltiplo de habitar diferenciados sentidos dos espaços do cotidiano. Pensamento- conversa enquanto conceito que tem *um contorno irregular, definido pela cifra dos seus componentes* (DELEUZE; GUATTARI 1997a, p.27). Maneiras de tornar de novo o pensamento possível com uma vontade política que suscita muitas vezes a indiferença. *É que não pensamos sem nos tornarmos outra coisa* (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 59). Pensar é resistir, torna-se uma aposta, uma vontade-força de existir, como escreve Deleuze e Guattari (1997b, p. 48):

Um pensamento às voltas com forças externas em vez de recolhido numa forma interior, operando por revezamento em vez de formar uma imagem, um pensamento-acontecimento, ‘heccidade’, em vez de um pensamento-sujeito, um pensamento-problema no lugar de um pensamento-essência ou teorema, um pensamento que faz apelo a um povo em vez de se tomar por um ministério.

Cartografias que dão o que pensar. Produção da vida que também nos interroga, nos inquieta, nos provoca com seus relevos, seus estratos, suas linhas, suas fronteiras, ou seja, uma configuração geográfica, maneira de pensar um pensamento labiríntico, considerando, espaços de fluxos e de forças que enfrentam as delimitações, as retas, a entrada que leva a uma saída, e, inventam contornos, acidentes, brechas, vazamentos, ondulações, inúmeras entradas e diferentes entrelaçamentos que se comunicam e se conectam com variadas saídas. Espaços como territórios de elementos da composição da cartografia da vida e do pensamento - *é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem* (ROLNIK, 2007, p. 23).

Viagens de um *Carimbador Maluco*<sup>7</sup>, música-força, pedra de toque das problematizações da experiência-aventura que aquece e resfria, reúne e dispersa, cria encontros, e, compõe platôs – Zonas de Intensidade Contínua (ZIC) que podem ser escritas nas linhas-possibilidades da produção de si. Variações de graus, extensões de maneiras de pensar, voos e sobrevoos entre versos de uma melodia desafiante, incerta, insegura, lançada entre planos improváveis, espaços que pintam outros estilos, modos de existência. Então, uma atitude nos atravessa \_ cartografar o território da infância que se agencia nos meandros da educação infantil do Centro Municipal de Educação Infantil “Plunct Plact Zum” em conexão com o encontro e o acontecimento produzidos nos espaços descontínuos da multiplicidade de sentidos de uma vida bonita.

No encontro com ideias, conhecimentos, afetos, silêncios, sensações... escrevemos um modo de pensar e de viver. Os processos de vida espalhados nesta escrita falam da *experiência entendida como uma expedição em que se pode escutar o “inaudito” e em que se pode ler o não-lido, isso é, um convite para romper com os sistemas de educação que dão o mundo já interpretado, já configurado de uma determinada maneira, já lido e, portanto, ilegível* (LARROSA, 2010, p. 10-11). Mundo que pede abertura, outros sentidos. Ler com o que produz diferença. Espaço intersticial do devir que estraçalha a forma dada, consolidada.

*Onde é que vocês pensam que vão?* Uma viagem entre crianças e adultos, alunos e professores, paisagens e rituais, entre personagens de línguas diferentes, com formas e forças do mundo da ordem e do caos; entre cópia e simulacro; história e devir; diferença e repetição; desenvolvimento e experiência \_ possibilidades dos voos agenciados com a trama da produção do conhecimento que deseja decolar entre territorializações e desterritorializações. Vida dos paradoxos (DELEUZE, 2006).

Devir-pesquisa engendrado com paradoxos-rizomas. Trama da composição das Zonas de Intensidade Contínua (ZIC) deste Centro Municipal de Educação infantil (CMEI) que propõe desenhar as conversas, os movimentos, as paisagens e criar<sup>8</sup> entre os deslocamentos de tantos

---

<sup>7</sup> Acompanhar os movimentos da música *Carimbador Maluco*. SEIXAS, Raul. Álbum: O Carimbador Maluco, gravadora Eldorado, 1983. Pistas da nave Plunct Plact Zum: mundo que tem que ser selado, registrado, carimbado, rotulado, avaliado e mundo imprevisível, inusitado, força dos afetos... “aventura como essa eu nunca experimentei”.

<sup>8</sup> Criar – aprendizagem inventiva: “a invenção é sempre invenção de novidade sendo por definição, imprevisível. [...] em sentido forte, é sempre invenção de problemas e não apenas a invenção de solução de problemas”. Ver

personagens, espaços de parada, de escuta, de amizades, um desejoso filosofar abraçado com a potência que a vida traz em si. Desdobrar o olhar, nos dobrar naquilo que puxa outra condição de infância, outra atenção, outra experiência-diferença. Conexões com o pensamento de Walter Kohan e Sandra Corazza.

Uma escrita “Plunct Plact Zum” pode viajar e partir sem problema algum? O que pode um problema? Que experiências cartográficas desenham a constituição do devir-criança e da vontade de potência no relevo acidentado das relações de controle e resistência? Os conceitos de Deleuze afetam a existência de uma vida bonita. Em que sentido, eles atuam e compõem as paisagens produzidas no território da educação infantil?

Voos em questão. Desterritorializar é preciso. Com essas interrogativas, queremos sair por aí, embarcando nos sinais, nas pistas, nas performances das conversas de uma trama cartográfica. Maneira de escrever com o território da educação infantil, com os agenciamentos que ativam modos de existência, resistência, possibilidades de vida. Assim, se constituindo de cartografias e conversas, a trama do CMEI Plunct Plact Zum viaja entre as formas e as forças do plano movente da produção de uma vida bonita.

[...] a infância não como aquilo que olhamos, senão como aquilo que nos olha e nos interpela. A infância entendida como o outro que nasce e que é aquilo que, ao olharmos, nos coloca em questão, tanto em relação àquilo que somos quanto em relação a todas essas imagens que construímos para classificá-la, para excluí-la, para nos protegermos da presença incômoda, para enquadrá-la em nossas instituições, para submetê-la às nossas práticas e, no limite, para fazê-la como nós mesmos, isso é, para reduzir o que ela pode ter de inquietante e de ameaçadora (LARROSA, 2010, p.16).

Uma vida bonita, em sua potência desencadeia nossa mais intensa problemática. Suas surpresas, criações e seus desafios nos incitam a pensar os movimentos agenciados com a infância, a experiência e o encontro. Entrelaçamentos da diferença e do estilo de produção da vida como obra de arte, um desenho-pintura do pensamento de Deleuze e de Foucault, uma inspiração possível de uma experiência entre temporalidades que escapam às rígidas formas de aprisionamento da condição sujeito de ser, buscando potencializar outros sentidos, além dos já emblemáticos da educação infantil.

## INFÂNCIA... PALAVRA QUE CANTA E PINTA DEVIRES

*O que se desatou num só momento  
não cabe no infinito, e é fuga e vento.*

*Instante, Carlos Drummond de Andrade*

Instante em fuga, *tempo sem caule*, sem eixo central que ordena presente, passado e futuro. Instante que dura com a vida das expressões espalhadas com o vento de uma escrita a ziguezaguear pelas linhas retas definidas sujeitadamente no cotidiano da escola. Língua que canta e pinta com o estilo de um *devir crianceiro*<sup>9</sup>. Devir das coisas que não se deixa aprisionar, música de tantos sentidos, pintura com traços de uma multidão. Pois, escrever entre palavras fugidias, delirantes, imprecisas, não determinadas nos modelos de identificação, imitação, mimese, faz-nos pensar a infância como *componente de fuga que se furta à sua própria formalização* (DELEUZE, 1997, p.11).

Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida. [...]. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido (DELEUZE, 1997, p. 11).

Com inspiração Drummondiana queremos jogar palavras dispersas (*fuga e vento*) com *um pouco mais de calma* e com *paciência* problematizar algo inflamável, imensurável, bem como viver de maneira intrigante e incerta os movimentos do *devir-criança*<sup>10</sup>. Então, em diferenciadas linhas, reticências de nós mesmos, escrevemos \_ infância, palavra que pode pulsar outros e tantos pensamentos. Pensamento sem fixar o que é, mas insistente com o que se faz com o que dizem que é. Pensamento-infância sem fundar a verdade, o começo, antes ligado ao instante desatado, desmedido, deslizando, fuga ao infinito levado pelo vento em questão: onde pousar...?

Vento que neste instante nos leva a compor palavras de um viajante, um *Carimbador Maluco* (outro que de tantas maneiras produz uma escrita-platô e faz tantas rasuras \_ escrita borrada

---

<sup>9</sup> Devir-crianceiro é um neologismo criado por Corazza. Ver CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. BH: Autêntica, 2003.

<sup>10</sup> Ver KOHAN, Walter. *Infância, estrangeiridade e ignorância*. Belo Horizonte; Autêntica, 2007.

“Devir-criança é o encontro entre um adulto e uma criança [...].

[...] é, assim, uma força que extrai, da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma ‘ involução criadora’, a ‘núpcias antinatureza’, a uma força que não se espera, que irrompe, sem ser convidada ou antecipada (KOHAN, 2007, p. 95-96)”.

com a multiplicidade de ideias, desejos, sons, silêncios). Deleuze diz do problema de escrever... em que o escritor *inventa na língua uma nova língua, uma língua de algum modo estrangeira* (DELEUZE, 1997, p. 9). Sendo assim, enfrentamos também esse problema, desafio do escritor que *arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros*. Problema que nos coloca às voltas com uma infância a se pensar, podemos até confessar não sabemos, vamos experimentar. Escrever entre dificuldades, contrações, desconfortos. Experiência de nascer, cada vez. Sempre. Dá a conhecer palavras que se embaralham em uma multiplicidade de conflitos, impasses, decisões a n-1. Menos que o modelo, as totalizações, as essências. Subtrair os universais, as verdades que ditam o ideal.

Experiência exposta ao imprevisível que nos leva a *sair da história para entrar na vida* (CORAZZA, 2003). Experiência não-preexistente, inventada com o que faz viver de modo intensivo, força do acontecimento \_ modulações da infância cronológica regulada por representações do modelo cognitivista. Escrita-Infância rasgada pelo plano transversalizado da experiência que se atualiza entre os desdobramentos dos processos investigativos e das irrupções-escuta das palavras, das ideias, dos pensamentos-desejos atravessados com os problemas colocados pelo encontro produzido com as pesquisas de Walter Kohan e Sandra Corazza. Infância que educa, nos envolve, articula forças, faz-nos devir-criança.

Deste modo, a pesquisa se aproxima das obras desses autores por deslizamentos, manobras, *surfando* em suas problematizações para pensar a infância da educação. Uma arte de viver descolado e *de abandonar o que se é, de abrir espaço para ser outro do que se é* (KOHAN, 2007, p. 82). Aproximações e intensidades de uma vida bonita das crianças do mundo:

“[...] elas deslizam entre as ordens, fluem entre os atos, circulam entre idades, produzem infinitas infâncias nas linhas de fuga em relação às máquinas duais por onde passam e que atravessam de fora a fora [...]. Acriança é o devir infantil de cada idade. Saber crianciar-se não é permanecer criança, é extrair de sua idade as partículas, as velocidades, as lentidões, os fluxos que constituem a crianciera dessa idade, de modo que a própria idade crianciera, ou Idade de Criança, é que é um devir-criança (CORAZZA, 2003, p. 102).

Infância que faz pensar a potência de uma vida bonita e a existência de si. Experiência do território da educação infantil do CMEI “Plunct Plact Zum”, com os jogos de poder, os cantos/conversas, as picadas/encontros: jeito irreverente, intempestivo das velocidades dos movimentos das crianças e dos desafios dos processos de desterritorializações dos adultos... como alguns desmanchamentos dos territórios constituídos (ROLNIK, 2007).

Infância não de um único fazer, mas como abertura das problematizações de um estilo inquietante, outro, novo em suas criações. Pensar com a experiência, com os processos de constituição de si, com o que está sendo produzido na educação infantil de maneira não-pensada, não-visível, pode desfazer alguns estereótipos, alguns decalques. Experiência que respira transições, fissuras, vazamentos de uma vida bonita, deformações no relevo histórico do pensamento que diz o que é a infância.

Dirigir-se à criança em sua própria infância: permitir-lhe que, em vez de desabrochar, como se diz impropriamente, ela venha a expandir-se; em vez de se identificar, ela se disperse em uma multiplicidade de novas relações – eis o caráter próprio das transições (SCHÉRER, 2009, p. 105).

Como um *Instante* Drummond de fuga e vento algumas palavras se desatam..., pensamentos compõem músicas... sensações que pintam devir-criança em suas linhas de expressividade. Nova língua: [...] *uma pintura ou uma música, mas uma música de palavras, uma pintura com palavras, um silêncio nas palavras, como se as palavras regurgitassem seu conteúdo, visão grandiosa ou audição sublime* (DELEUZE, 1997, p. 128). Palavra infância, um devir que canta desterritorializações, revira e muda o *Mesmo* educar, entoa outras versões de si. Infância sim! Um possível. Uma vida que se arranja com bons encontros.

## **MOVIMENTOS DAS ZONAS DE INTENSIDADE CONTÍNUA**

Com a produção da pesquisa transitamos no Centro Municipal de Educação Infantil “Plunct Plact Zum” experimentando aventuras de possíveis sobrevoos bem como alguns pousos em diferentes espaços do grupo 5 (quarta-feira), encontro com as crianças na idade entre 4 e 5 anos, do grupo 6 (terça-feira), com as crianças entre 5 e 6 anos. Na (segunda-feira) acompanhamos todos os grupos que de tantas maneiras se deslocavam pelo território da educação infantil ao habitarem o pátio, o refeitório, os banheiros, os corredores, as trilhas... Uma movimentação deslizante por diferentes canais de ligação.

Inventar trilhas e atalhos parece uma arte das crianças. Então, acompanhar o movimento dos que as experimentam sugerem diversas entradas e saídas pelo território da educação infantil no miudinho do vaivém dos passos, das conversas, dos silêncios, dos cheiros de tantos personagens, e, também dos improváveis elementos do plano de(organizacional) dos

territórios envolvidos nos encontros produzidos com esses descaminhos, talvez, chamados de trilhas. Descaminhos enquanto criação de contornos, rachaduras, passagens “secretas” de um estilo de ser que provoca erosões no modelo de retas definidas e bem direcionadas do relevo ideal da escola. Vastos territórios do espaço da pesquisa cartográfica: invenção de paisagens com a vida que dá mil voltas, que se desprende e se multiplica com a potência de cada encontro. *Trata-se sempre de liberar a vida lá onde ela é prisioneira, ou de tentar fazê-lo num combate incerto* (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 222).

Há uma atenção que poderíamos chamar de desfocada, flutuante, ela levanta voos, não busca algo definido, identificável nas classificações de “coleta de dados”, mas torna-se aberta, horizonte de possibilidades, encontro com inúmeros elementos salientes que parecem convocar uma produção de dados para pesquisa cartográfica. *A atenção a si é, nesse sentido, concentração sem focalização, abertura, configurando uma atitude que prepara para o acolhimento do inesperado* (KASTRUP, 2010, p. 39). O cartógrafo, personagem que decola na aventura intensa dos processos de criação, e, das modulações dos fenômenos da vida e do tempo, importuna-se com a questão de onde pousar sua atenção, e, segue ziguezagueante com as Zonas de Intensidade Contínua (ZIC). Uma composição de experiências.

(ZIC) Como a *dobra* pode levar-nos a uma escuta atenta? Pesquisa. Plano experiencial. Linhas de fuga. Vazio. Desejo. Dobras de si. Andando quase parados, enfrentando os deslocamentos com suas passagens que nos levam até o CMEI, sensações incertas nos interpelam: *E agora José?* Pra cá e pra lá, entre conversa, escuta, senta e levanta, frase que ainda não dá liga... (você sabe o que é solista?), passo a passo, alguns possíveis contágios, sensações meio discretas de um dia de sol que poderia também ser de chuva. Pensar o pensamento. Esquadrinhar os efeitos da composição dos devires, outras escutas... Um tom de criação suscita o riso. Todos na roda enquanto a professora apresentava a ficha com a escrita dos nomes de cada criança, e, fazia as devidas recomendações para a vida útil da ficha: Não podemos amassar a ficha, nem colocá-la na boca senão vai dar orelha (no sentido de que as pontas passam a ter dobras, ficam dobradas). “Devir-humor”, um possível conversor de agenciamento, operador, componente de passagem (DELEUZE; GUATTARI, 1997c) que faz alguma coisa fluir. ‘Rodrigo’, uma criança dobrada diz: *Ih ela vai ouvir o que a gente fala.* Engraçado... a ficha pode ouvir?! Boa risada. Dobra-orelha. *O riso questiona os hábitos e os lugares comuns da linguagem [...]. O riso polemiza com o sério* (LARROSA, 2010, p. 178).

Comentamos com a professora a intensidade da conexão das palavras, mas ela estava envolvida com o momento que focava para as regras de preservação da ficha. Ficamos pensando na ‘ficha’ com suas conjugadas maneiras de fazer sentido. Modulações da *linguagem patética* que se liquefaz em uma *linguagem paródica* (LARROSA, 2010), Logo, a dobra criou uma potência descontraída de ser cartógrafo e de viver uma infância insistente em dizer outra língua. Infância que nos enrola com suas palavras, desmonta o significado, digita outro texto.

A infância fala uma língua que não se escuta. A infância pronuncia uma palavra que não se entende. A infância pensa um pensamento que não se pensa. Dar espaço a essa língua, aprender essa palavra, atender esse pensamento pode ser uma oportunidade não apenas de dar um espaço digno, primordial e apaixonado a essa palavra infantil, mas também de educar a nós mesmos, a oportunidade de deixar de situar sempre os outros em outra terra, no des-terro, no estrangeiro, e poder alguma vez sair, pelo menos um pouquinho, de nossa pátria, de nosso cômodo lugar. Essa parece ser uma das forças da infância: a de uma nova língua, de um novo, outro, lugar para ser e para pensar, para nós e para os outros (KOHAN, 2007, p. 131).

Não há tantas certezas quando a ‘ficha’ se dobra para escutar o que a gente fala. Expressividade das conexões, abertura e motivo constituinte no fazer-se ‘ficha’, dobra do significado e produção de riso, desejo, outros sentidos, dobra que com a língua de uma criança pede passagem para outros afetos. [...] *oscilação entre o ser e o não ser, essa brecha que abre o riso e em que se instala como um ácido que tudo corrói* (LARROSA, 2010, p. 179). Redobrando, desdobrando a ‘ficha’, escutamos o plano não da direção dos componentes, mas do acontecimento. Experiência descentrada com o que produz algum encontro, pedido de uma palavra infantil, movimento capaz de fazer uma parada nas explicações. Um divertido jeito de dá vida às palavras. *Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos; As cousas não têm significação: têm existência.* (PESSOA, 2009, p.96)

O plano movente das zonas de intensidade contínua constitui a permeabilidade dos processos de vida dos elementos desta pesquisa cartográfica e pede passagem ao acidentado, fissurado, dobrado, esburacado território da educação infantil que também se insere no espaço definido por algumas palavras de um *Carimbador Maluco* que se apóia nos fundamentalismos universalizantes e nas denominações controláveis, prática fiel de nominar o ensino, o que de alguma maneira pode ser ritmada com os versos musicais do voo da nave “Plunct Plact Zum”: *tem que ser selado, registrado, carimbado, avaliado, rotulado se quiser voar...* Viagem entre limites de força, outros cursos produzem outras infâncias, e um pedido sincero abre afecções

rumo a novos voos: *Mas ora, vejam só, já estou gostando de vocês. Aventura como essa eu nunca experimentei!*

Voo intenso e turbulento das formas e das forças desse plano. Interstícios de tempo aberto e fechado, nuvens de raios asfixiantes e janelas de um horizonte infinito de afecções (outros ares), rigidez das regras e rigor da vida. Dupla existência dos movimentos que se aventuram entre territorializações e desterritorializações. *Carimbador Maluco* desejanste de si: *o que eu queria mesmo era ir com vocês...* Talvez nos encontremos ainda em novas *ZIC...*; outras linhas de conversas. No mais, *boa viagem, até outra vez.*

O voo 3511 está em movimento, ainda dá tempo de irmos juntos, senão agora, até outra vez. Pista em questão: viajar pelo território da educação infantil torna a lógica que assegura o “controle de qualidade e a eficiência” do ensino um desafio, uma questão de criar o possível, e, assim, furar, cortar, fazer rajadas no modelo disciplinar e seguir rastros de vida a favor do que se pode experimentar quando os afetos potencializam encontros-conhecimento, modos de existência alegre que tombam a forma dominante.



*Outras artes (...) derrubando formas*

## **VOO 3511... ONDE É QUE VOCÊS PENSAM QUE VÃO?**

Onde o pensamento nos levar. Por fios que dão vida aos modos de expressar, sentir, dizer os efeitos que traçam composições de um pensar aberto, em voo pelos possíveis encontros com o heterogêneo, com o Fora. Pensamento que traz o impensável (o que pode ainda ser pensado), e, assim desvia toda forma única cheia de si mesma. Nos desvios, nas surpresas do acaso podemos ir aonde até a escola-Mesma duvida. Estranho, pois, duvidar não é o forte dessa escola, ela determina certezas, prevê o início e o fim, identifica/representa o que pensar. Hierárquica de si muitas vezes se camufla em um mundo ideal/previsível. Porém, ela mesma sabe, há uma vida escorrendo, desviada pelos desejos de outra escola, nova, com linhas de paisagens e de afecções insondáveis, intensivas. Paisagens de uma vida bonita, canto retorno-de-si, viagens sempre no meio \_ nômades mesmo sem sair do lugar, como os versos do *Carimbador Maluco*, *o que eu queria mesmo era ir com vocês, mas já que eu não posso...* Versos com espaço de fuga, de outras aventuras pelo desconhecido, um instante zigue zague entre além e aquém da ordem e do caos. Ficar e partir. Voos misteriosos... algo muda com as aventuras do encontro, e, o professor, como bem fazem as crianças, pelo menos um pouquinho entra na viagem fugidia dos afectos, uma saída possível que inventa passagem, produz um jeito de viajar entre controle e descontrole.

Voo 3511: decolamos na aventura de uma produção escrita de algumas experiências que nos afetaram. Mesmo com o desejo de expressá-las em suas tramas, relações, forças... nossos olhares/sentidos não trazem a intenção de totalidade, apenas insere elementos possíveis dos nossos contágios, nossas aproximações com um mundo que afirma outra condição de infância. Eventos fabulações agenciados com o que pode as palavras, jeito desmedido e disforme, atual e virtual, efeitos singulares, arrebatadores de dizer que *a escrita transforma a coisa vista ou ouvida “em forças e sangue”* (FOUCAULT, 2006, p. 152, grifo do autor).

Passeamos por uma geografia, encontro céu e mar, voamos-remamos com a nave “Plunct Plact Zum” – plano de formas e forças produzido com o acontecimento, o devir das coisas, criação de mundos possíveis. Escorregamos em solo de material duro e flexível, cavamos algumas linhas de fuga lapidando pedras do tempo cronológico e polindo imagens da experiência que corre na velocidade do olhar, do sorriso, do abraço e das invenções das crianças. Por rochas e ruínas, vales e montanhas, cachoeiras de ideias, céu claro e escuro,

nuvens e trovoadas, ruídos e cantos, desenhamos com o terreno da educação infantil uma maneira de viver, de pensar, de se constituir humano, demasiadamente humano. E assim, *tomar a obra por inteiro, segui-la e não julgá-la, captar suas bifurcações, estagnações, avanços, brechas, aceitá-la, recebê-la inteira* (DELEUZE, 1992, p. 108).

*E a vida que ardia sem explicação*, desterritorializa, transita junto com a ordem e com o caos, interrompe a permanente rotina do mesmo lugar de algumas convenções, atravessa o idêntico, a cópia, e, em sua órbita trava uma relação que faz tremer o cômodo quadrado da “sala de aula” \_ espaço que tenta ser uniforme, no sentido de pouco problematizar com as provocações das crianças. Os tremores por serem insistentes e as crianças rápidas em produzir outras possíveis ideias desfazem o modelo “combinado” de levantar a mão e falar, portanto, outra lógica movimenta o pensar, uma relação de sentidos, puro rizoma, tudo junto ao mesmo tempo, potência que fala com o devir-criança. Pensar, então, percorre tantas razões de si. Pensemos no que pensar acerca da lógica operada com as conexões acionadas pelos desejos das crianças? Que implicações exploram/expandem o que tem sido declarado?

ESCUTAR... entrar em uma conversa, como sem saber o que fazer quando o barco em maré alta se perde nas profundezas das ondas agitadas. Remar é um jeito de seguir para algum lugar, continuar remando juntos pode provocar algumas correntezas e, movimentar ideias ainda não-pensadas, condição que dá velocidade a uma escuta atenta e descolada dos universais próprios de quem tem a última palavra. Ondas-pistas a nos dizer que *a lógica de um pensamento é o conjunto das crises que ele atravessa, assemelha-se mais a uma cadeia vulcânica do que a um sistema tranquilo e próximo do equilíbrio* (DELEUZE, 1992, p.106).

Pistas de pistas escrevem pensamentos, desejos, (des)encontros... Entramos no vaivém das performances, dos desmanchamentos de formas como modulações da Forma, uma experiência informe, desviante, que se dissolve e se renova com os elementos múltiplos da vida como obra de arte. Pintamos espaços intermitentes. Canto *paciência* propagando-se com alguns voos e sobrevoos da viagem “Plunc Plact Zum”. Uma história-aventura, aventuras da história *de como a gente se torna o que a gente é*, movimento infinito do aprender que não tem rumo certo e exclusivo do roteiro definido. Qualquer lugar que o vento nos leve, verso sem destino fixo, ventania que faz dançar antigo e novo; antes e depois; perto e longe. Tudo que faz pensar conecta e arrasta mundos, produz sentidos no *meio*, explosão de multiplicidade, diferença. A

*história, segundo Foucault, nos cerca e nos delimita; não diz o que somos, mas aquilo de que estamos em vias de diferir; não estabelece nossa identidade, mas a dissipa em proveito do outro que somos* (DELEUZE, 1992, p. 119).

Viagem-rizoma, conexões múltiplas, passeios produzidos com a vida que pulsa entre tantos paradoxos. Em se tratando do *Carimbador Maluco*, uma assinatura marca os efeitos de seus versos, entrelinhas de diferença e de repetição, gerando diferença na repetição, repetindo de maneira diferente. Sim... um bruxo tem seus segredos, suas cartas podem mudar o jogo. A viagem pode seguir por tantos espaços coexistentes, justapostos, reunidos por forças moventes, desequilibradoras dos universais e, assim, em alguns momentos criar em um só voo experiências sem território definido, ethos e estilo (maneirismo<sup>11</sup>), coexistência de mundos, elo das fronteiras. Voos de tantas emoções e variações contínuas do tempo cronológico em luta com o tempo intensivo. *Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma até quando o corpo pede um pouco mais de alma*, a viagem não para. E a afirmação de uma vida bonita multiplica-se e se expande, inventa um jeito com paciência e atenção de compor-se, cantar suas paisagens existenciais.

*Carimbador Maluco...* escutamos suas novas aventuras nas intensas palavras de simples conversas. Experiência de ouvir um pouco mais, andar devagar pelo material que dura com a força da travessia dos afetos: *Tomar o caminho de uma linha de fuga que é sempre o estopim da criação* (CORAZZA, 2003, p. 66).

*Minha tinha conhece a música do carimbador maluco* (Jaidete)

*Lá em casa eu vi no computador o carimbador maluco* (Lúcia)

*Raul Seixas... meu pai falou que ele é um bruxo* (Giovana)

Conversas que se dispersam entre espaços íntimos, outras experiências de uma duração inconclusa. “Mesmo se o material só durasse alguns segundos, daria à sensação o poder de existir e de se conservar em si, *na eternidade que coexiste com esta curta duração*. Enquanto dura o material, é de uma eternidade que a sensação desfruta nesses momentos”. (DELEUZE, 1997a, p. 216, grifo do autor).

---

<sup>11</sup> Maneirismo: o ethos é ao meso tempo morada e maneira, pátria e estilo. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 4**. São Paulo: Ed. 34, 1997c, p. 128.

Viagens que falam com inúmeras composições e paisagens de uma existência alegre e bonita. Arte de viver. Um pouco de possível com os intervalos de uma vida que pede outras sensações, outros modos de desenhar os encontros. Palavras que com seus desejos escapam da forma padrão-dominante, gesticulam vibrações de amizade, expressam o cuidado de dizer as criações do não-dito (fabulações, acasos, acontecimentos): dizem dizer sem ser dito, antes sentido. Quando a língua está assim tensionada, a linguagem sofre uma pressão que a devolve ao silêncio. (DELEUZE, 1997, p. 128). Língua que trama suas composições e viaja ziguezagueante seguindo os movimentos que a vida traz em si.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Record, 2010. Instante, p. 226.
- CORAZZA, Sandra; TOMAZ, Tadeu. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Conversações, 1972-1990**. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. RJ: Graal, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche e a filosofia**. RÉS-EDITORIA, PORTO-PORTUGAL, 2001.
- DELEUZE, G; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** RJ: Ed. 34, 1997a.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 1**. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 4**. São Paulo: Ed. 34, 1997c.
- \_\_\_\_\_. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 5**. São Paulo: Ed. 34, 1997b.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. RJ: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos; V)
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem, arte e invenção. In: LINS, Daniel. **Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade**. Fortaleza. CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2001, p. 208.

KOHAN, Walter O. **Infância, estrangeiridade e ignorância – Ensaio de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: autêntica, 2010.

MEIRELES, Cecília. **Cecília de bolso**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010. (L& PM POCKET; v. 700), Canção excêntrica, p. 44.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce Homo, como a gente se torna o que a gente é**. Porto Alegre: L&PM, 2010. (Coleção L&PM POCKET)

PESSOA, Fernando. **Poesias**. Porto Alegre: L&PM, 2009. (coleção L&PM Pocket, p.40/96).

PIMENTEL, Osvaldo Lenine Macedo. **Paciência**. CD: Acústico MTV, 2006.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SCHÉRER, René. **Infantis: Charles Fourier e a infância para além das crianças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SEIXAS, Raul. **Álbun: O Carimbador Maluco**, gravadora Eldorado, 1983.